

A INFORMAÇÃO RECUPERADA:

Dois artigos de José Veríssimo sobre Euclides da Cunha

JOÃO ALEXANDRE BARBOSA

Entre janeiro de 1899 a agosto de 1915, com algumas interrupções, José Veríssimo escreveu para o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro. Até março de 1908 manteve ali uma coluna de crítica semanal sob o título de *Revista Literária*. Alguns dos seus artigos foram reunidos em três obras que publicou entre 1901 e 1910: *Estudos de Literatura Brasileira*, *Homens e Coisas Estrangeiras* e *Que é Literatura? E Outros Escritos*. Mas o que foi coligido não representa senão uma percentagem mínima. Muitos dos artigos permanecem intocados nas páginas do jornal. Nem todos, é certo, mereceriam uma republicação: são textos de circunstância, escritos sob a obrigação da crítica semanal. Outros, todavia, não somente por abordarem autores ou problemas do mais vivo interesse para a Literatura Brasileira, como ainda por contribuírem para a melhor configuração do crítico, merecem, sem dúvida, a releitura contemporânea. Exemplos: um artigo sobre a filosofia de Machado de Assis (29 de setembro de 1913), três artigos sobre Joaquim Nabuco (14 e 21 de janeiro de 1907 e 7 de abril de 1910), um outro sobre Raul Pompéia (11 de fevereiro de 1907), ou os dois artigos sobre Euclides da Cunha. Quanto a estes últimos, e que vão ser lidos em seguida, o primeiro, estampado em 4 de fevereiro de 1907, era uma apresentação e análise de *Contrastes e Confrontos* e o segundo, de 23 de setembro do mesmo ano, tratava longamente de *Peru Versus Bolívia*.

Estes dois textos, juntamente com o que o crítico escreveu sobre *Os Sertões*, logo após a publicação do grande livro (sob o título "Uma história dos sertões e da campanha de Canudos" no *Correio da Manhã* de 3 de dezembro de 1902), parecem compor a história das repercussões euclidianas na obra de Veríssimo, sem que tenha sido possível localizar qualquer página do crítico sobre o livro de 1909: *A Margem da História*.

Quanto ao primeiro artigo, "Um Livro de Crônicas", não foi, ao que parece, jamais referido na bibliografia euclidianas e só recentemente foi ele relacionado na *Bibliografia da Crítica Literária em 1907 através dos jornais cariocas*, de Antônio Simões dos Reis (Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1968, p. 83).

Escrito e publicado imediatamente depois do aparecimento de *Contrastes e Confrontos*, o artigo insistia naquilo que a Veríssimo parecia marcar o que havia de essencial em Euclides da Cunha: a aliança entre o escritor e o homem de ciência. O que significava uma perspectiva que teria grande futuro nos estudos sobre Euclides: a de considerá-lo, simultaneamente, um criador ao nível da linguagem, para quem os dados científicos de seu tempo eram manipulados com a desenvoltura de um ficcionista, ainda que realista, como se revelava, por exemplo, na recriação do tipo de Floriano Peixoto, e, ao mesmo tempo, um cientista — para quem a linguagem importava como acréscimo à visão da realidade. José Veríssimo, é verdade, não chegava a radicalizar o problema. Todavia, dentro de suas limitações (que eram as de seu tempo, é bem de ver), dava uma pista que convém ser examinada.

Quanto ao segundo artigo, "Diplomática e Literatura", a única referência que a ele parece ter sido feita na bibliografia sobre Euclides da Cunha, além de indicado na obra bibliográfica mencionada (com erro no título — *Diplomacia* ao invés de *Diplomática* — e com a data errada — 23 de outubro ao invés de 23 de setembro), está no ensaio de Sílvio Rabêlo, em que se lê: "Dêsse livro (*Peru Versus Bolívia*), imediatamente traduzido para a língua espanhola, salientou José Veríssimo a veemência da sua argumentação (in *Euclides da Cunha*, Rio de Janeiro, Coleção Estudos Brasileiros da CEB, 1948, p. 411)". Não existe, contudo, nota do ensaísta pernambucano remetendo à fonte, ou ao jornal no caso.

A mesma perspectiva utilizada em relação a *Contrastes e Confrontos*, com pequenas modificações impostas pela própria obra criticada, é assumida na análise do segundo livro.

O que importava sobretudo a Veríssimo era o que, na obra de Euclides da Cunha, ficava sendo resíduo de uma extraordinária maestria ao tratar a linguagem, desdobrando-a em níveis de efetiva criação estética. E o crítico acertava em cheio quando chamava a atenção para certos detalhes: o prazer com que Euclides da Cunha, por exemplo, recuperava os velhos mapas e as carcomidas cartas geográficas, transformando, por força de uma poderosa imaginação, o que era reliquia e velharia em novidade, desde que se pudesse tirar partido para o estudo das condições de cultura sul-americanas.

Está claro que nem todas as observações do crítico são hoje defensáveis: algumas de suas reservas, como as gramaticais, por exemplo, estão envelhecidas e já não servem ao requintado espírito da modernidade. Todavia, no conjunto, o artigo é ainda um *approach* válido à obra euclidianiana. Se nem tudo permanece é porque a permanência não parece ser a essência da crítica. Sobretudo de uma crítica feita com a obra mal saída das oficinas editoriais.

A publicação destes textos de José Veríssimo resulta de um trabalho sobre o autor e o seu momento brasileiro para o qual foi decisivo o auxílio de uma Bolsa de Pesquisa concedida, entre 1967 e 1968, pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

EUCLYDES DA CUNHA

Da Academia Brasileira de Letras

CONTRASTES E CONFRONTOS

PREFACIO de José Pereira de Sampaio (Bruno)



PORTO

EMPRESA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA—EDITORIA

178—RUA DE D. PEDRO—184

1907

Frontispício da primeira edição de Contrastes e Confrontos.

I

REVISTA LITERÁRIA

UM LIVRO DE CRÔNICAS

JOSÉ VERÍSSIMO

Contrastes e Confrontos, por Euclides da Cunha. Prefácio de José Pereira de Sampaio (Bruno). Porto. Empresa Literária e Tipográfica Editôra, 1907. XXIII, 248 pp.

Cronologicamente, é o primeiro livro brasileiro do ano, e não duvido fique como um dos melhores. Não é, entretanto, senão um livro de crônicas, isto é, de artigos soltos de jornais, sobre fatos contemporâneos ou momentosos, tratados em estilo mais literário do que o comum nesses artigos. Como tal, a crônica é coisa moderna no jornalismo e na literatura, pois participa de ambos, e coisa, se não me engano, latina. Poder-se-ia ver nela o protesto do gosto literário das gentes latinas, do seu amor da bela forma e dos formosos períodos contra a invasão dominadora da reportagem anglo-saxônica que contenta e satisfaz a sua gente com a notícia dos fatos, seca e friamente comentados, sem imaginação nem artifício literário.

Para essa o fato ou os fatos são o essencial; nós chegamos com a tendência oposta a preferir-lhes as considerações e ornamentos do escritor, a quem eles apenas servem de motivo ou tema de divagações literárias. Os franceses, mestres incomparáveis em todos os ramos da literatura contemporânea, também o são da crônica, gênero em que alguns dos seus escritores se fizeram universalmente famosos.

O nosso velho folhetim, recebido de Portugal que o derivara de França, não era senão uma feição, há muito quase abandonada no seu país de origem, e aqui mesmo quase em desuso, da crônica, com que se ilustraram alguns jornais parisienses, notadamente o *Figaro*. Nesse gênero ligeiro e interessante, aí colaboravam, dando-lhe singular relevo e verdadeira importância literária, os Wolfs, os Rocheforts, os Arênes, os Fouquiers, os Daudets, os Anatoles Frances, os Banvilles, os Maupassants e outros não somenos. Aqui, aliás, a crônica nunca foi, nem pela

extensão, nem pelo seu feitio, e salvo alguns casos isolados, nem pelo cuidado pôsto na sua elaboração, o que foi, e é alada, em Franca com aquêles e que tais mestres dela.

Quase sempre apenas foi escrita como uma seção de gracejo (e não raro de graça), para fazer espirito. Frequentemente era e é uma espécie de salada de frutas literária em que tudo cabia, com mais ou menos arte misturada. Raríssimo era um verdadeiro artigo, sobre casos do dia, apenas mais cuidado de estilo e mais literário de pensamento e de forma, se bem num tom mais despretenhoso e fácil, do que o circumspecto artigo de fundo.

Os escritos do nôvo livro do Sr. Euclides da Cunha são crônicas segundo este molde, ao meu paladar muito preferível às dessaboridas nolutas sobre os fatos do dia ou da semana dos nossos inumeráveis cronistas. Elas são, talvez, e não sei se isso se lhes não poderia notar como um pequeno defeito, mais eruditas, mais graves, mais sérias, senão no seu estilo que o autor procurou adequar ao gênero, nos seus assuntos e no modo de os encarar, do que acaso essa espécie literária comporta. Pequeno senão que desaparece na leitura sempre interessante dessas páginas, das quais algumas ao menos seria pena não fôsem guardadas em livro.

Este, confirmando os bons créditos de escritor do Sr. Euclides da Cunha, igualmente assenta o conceito que desde o seu primeiro, o justamente célebre *Os Sertões*, das suas características literárias fiz: um espirito de tendências simultaneamente científicas e poéticas, com qualidades de observação e generalização servidas por uma inteligência aberta no estudo das ciências abstratas e qualidades de imaginação representativa, idealizadora senão criadora, superior. Se não contendem, estes dois aspectos da sua mentalidade, também não se fundem de tal modo que haja necessidade de grande sutileza para os descobrir. São, ao contrário, visíveis no seu gosto por certos assuntos, como o estudo da terra às luzes da moderna geografia científica e da geologia, do qual até nestas crônicas há exemplo (v. "Entre o Madeira e o Javary", "Fazedores de desertos", "Ao longo de uma estrada"), nas suas brilhantes incursões pela parte pitoresca daquilo a que ele mesmo chama "o indefinido das questões sociais" e no seu estilo todo ele matizado de locuções, expressões e até fórmulas científicas. E esta mistura (e agora só ao seu estilo me refiro) não nos molesta somente porque ele, por outros dotes de escritor, principalmente derivados da sua imaginativa, lhes sabe, senão esconder, disfarçar a indiscrição e impertinência. Demais os rasgos científicos dos seus escritos, da maioria destes ao menos, casam-se geralmente bem com a urdidura da sua maneira de escrever, dando à sua literatura um sainete, de que ele só tem aqui o segredo. Por via de regra, os cientistas que aqui escrevem, por falta de imaginação, de aptidão literária ou de gosto, nos afrontam com as suas pedanterias, em linguagem empolada. Entretanto, reconhecendo as excelentes qualidades de escritor do Sr. Euclides da Cunha, e a beleza particular dos seus escritos, em que a fertilidade de idéas e o brilhantismo da exposição bastariam para dissimular quaisquer senões, eu preferia, como desde a primeira vez lhe disse, vê-lo sacrificar um pouco mais à simplicidade, à singeleza, ao natural, àquela regra suprema de Goethe, o repouso. Mas cada um escreve com o seu temperamento, e o estilo do Sr. Euclides da Cunha é a expressão do seu temperamento, é ele mesmo.

E já que estou neste capítulo, não esconderei que da sua língua geralmente muito correta, ainda vernácula sem purismo, vibrante, nervosa, de um relêvo escultural, só me impressiona mal aquilo que ele chamaria felamente a "simbiose" da ciência com a literatura e particularmente a sua extrema licença de formar verbos ou a preferência, a meu ver abusiva, que dá às formas raras dêles, *endurar*, *roucar*, *amadurar*, etc. No seu discurso da Academia há até (este de sua lavra) *quimerizar*.

Faço estes reparos menos por amor, confesso, do estilo do Sr. Euclides da Cunha, que pelo receio de ver esse estilo de um escritor novo e justamente prezado, que certa e legitimamente vai influir na sua geração, ser imitado tal e qual, como aconteceu ao do Sr. Coelho Neto.

O que geralmente se imita no estilo de um escritor são as suas saliências, isto é, os seus defeitos, e não as suas qualidades intrínsecas e profundas que escapam ao vulgar dos copistas. No Sr. Euclides da Cunha esses não poderão imitar a íntima correlação das suas aptidões científicas com as suas faculdades literárias, as qualidades da sua imaginação, a sua capacidade de generalização e de síntese, mas imitarão facilmente, embora canhestamente, a sua fraseologia científica, o seu exagerado gosto do neologismo e até o seu espírito nativamente paradoxal. É do que eu amigavelmente previno o Sr. Euclides da Cunha, receoso de que, sob este aspecto, a legítima influência que deve exercer um escritor do seu merecimento não seja plenamente estimável.

Há neste livro algumas páginas admiráveis, nenhuma, porém, me pareceram mais notáveis, como observação e como expressão, que as consagradas ao *Marechal de Ferro*. Creio que elas ficarão como a síntese definitiva desse homem, cujo maravilhoso sucesso e caráter o Sr. Euclides da Cunha explicou superiormente assim:

"No meio em que surgiu, o Marechal Floriano Peixoto sobressaía pelo contraste. Era um impassível, um desconfiado e um cético, entre entusiastas ardentes e efêmeros, no inconsistente de uma época volvida a todos os ideais, e na credulidade quase infantil com que consideramos os homens e as coisas. Este antagonismo deu-lhe o destaque de uma glória excepcionalíssima. Mais tarde o historiador não poderá explicá-la. O herói, que foi um enigma para os seus contemporâneos pela circunstância claríssima de ser um excêntrico entre eles, será para a posteridade um problema insolúvel pela inópia completa de atos que justifiquem tão elevado renome. É um dos raros casos de grande homem que não subiu pelo condensar no âmbito estreito da vida pessoal as energias dispersas de um povo. Na nossa transição acelerada para o novo regime ele não foi uma resultante de forças, foi uma componente nova e inesperada que torceu por algum tempo os nossos destinos.

"Assim considerado, é expressivo. Traduz de modo admirável ao invés da sua robustez a nossa fraqueza.

"O seu valor absoluto e individual reflete na história a anomalia algébrica das quantidades negativas: cresceu, prodigiosamente, à medida que prodigiosamente diminuiu a energia nacional. Subiu, sem se elevar — porque se lhe operara em torno uma depressão profunda. Destacou-se à frente de um país, sem avançar — porque era o Brasil quem recuava, abandonando o traçado superior das suas tradições...

"Diante da sua figura insolúvel e dúbia, os revolucionários apreensivos travavam na tarde de 14 de novembro o ponto de interrogação das dúvidas mais cruéis, e ao meio-dia de 15 de novembro os pontos de admiração dos máximos entusiasmos. Não se conhece transformação, ao mesmo passo, tão repentina e tão explicável.

"Sobretudo explicável. O seu prestígio nascera paradoxalmente antes da revolução. Sabia-se, ou conjecturava-se, que sobre o regime condenado velava, imperceptível, aquela astúcia silenciosa, formidável e cauta, contraminando talvez dentro do próprio exército o traço subterrâneo da revolta; ou acompanhando-o talvez, linha por linha, ponto por ponto, num paralelismo assombroso, e no prodígio de conspirar contra a conspiração, ajustando soturnamente o rigorismo da lei ao lado da rebeldia incauta, de modo que esta, ao estalar, tivesse de improviso, em cima, irrompendo da sombra, a mão possante que a jugularia.

"Esta dúvida, ou doloríssima suspeita — sabem-no todos os revolucionários, embora muitos a negassem depois — era a mais inibitória incerteza entre tantas outras que nos manietavam."

Era preciso citar na íntegra essas belíssimas páginas, mas esse é o trecho essencial, do qual a figura duvidosa e inexpressiva de Floriano ressalta com a saliência de um alto relêvo. Excêntrico assim ao seu povo, mas somente até ao ponto em que essa excentricidade não colidia com outro traço fundamental e necessário à compreensão do indivíduo, a sua semelhança e correlação com o meio de que tirou a força com que se elevou, pôde ele dominá-lo. Ao cabo é a etnologia quem o explica. De qualquer forma, em bem ou em mal, não discuto agora, ele foi um caráter. Ao menos, na fase decisiva de sua vida, a que o torna uma personagem histórica, como tal por todos discutível, foi uma vontade determinada, uma tenacidade forte, uma astúcia refinada e felina, tudo, porém, antes revedendo certos instintos ancestrais que uma deliberação inteligente.

Com o estudo de que resultaram "Heróis e Bandidos", "Contrastes e Confrontos", "Conflito Inevitável", "Solidariedade Sul-Americana" e outras considerações sobre diversos aspectos da vida sul-americana, criou-se o Sr. Euclides da Cunha o critério necessário para entender os tipos como esse e os sucessos que os determinaram. Embora os visse sem os nossos comuns preconceitos continentais, não os encarou sem interesse; ao contrário, sente-se que as coisas e os homens da América o tocam de perto, e todo o seu, às vezes poderoso, realismo nem sempre lhe impede a imaginação de fantasiar à vontade.

Essa fantasia, porém, não fica mal à crônica e com o Sr. Euclides da Cunha ela muitas vezes nos empolga e arrebatava deliciosamente. Não quero outros exemplos que "Anchieta", "Garimpeiros", "Civillização"... , capítulos do seu livro.

Neste último escreveu o autor estas palavras senão de todo injustas talvez menos ponderadas:

"Convenha-se em que Spencer — Spencer o da última hora, o Spencer valedutinario e misantropo que chegou aos primeiros dias deste século para o amaldiçoar e morrer — desgarrou da verdade ao afirmar que há, nestes tempos, um recuo para a barbaria. Viu a vida universal com a vista cansada dos velhos. Não a compreendeu. Não lhe apreendeu os aspectos variadíssimos e novos. Certo, faltou-lhe às células cerebrais, exauridas pela idade, senão pelo mesmo acúmulo das imagens que se refletiram, a primitiva receptividade diante da época indescritível e bizarra(!) em que as almas se dobram à sobrecarga de maravilhas e vacilam, deslumbradas, ora entre prodígios da indústria tão delicados, às vezes, que recordam uma materialização do espírito criador, ora entre as magias da ciência, tão poderosas que espiritualizam a matéria dinamizando-a na idealização tangível do radium..."

O trecho eloquente dá bem a medida do estilo imaginoso e lavrado como a obra de um entalhador do Sr. Euclides da Cunha. O mal de um tal estilo é que ele facilita o excesso nos juízos e nas representações das coisas. O relêvo, o ressaltado, a beleza que lhe é própria são inimigos da justa medida. Essa faz-se principalmente por contrastes e confrontos, processo tentador mas perigoso por exigir o exagero dos termos da comparação se lhe queremos estreme e distinto o efeito. Assim este raro se consegue sem apoiar demasiado o traço, e o quadro sempre resulta carregado, sem as gradações necessárias à fusão das linhas e cores do conjunto. Na figuração dos tipos ("O Marechal de Ferro", "O Kaiser", "A

Esfinge", ainda "Anchieta"), não obstante a força com que são representados e a vida que deles ressuma, ressalta mais evidente este defeito de técnica. Alguns, como o primeiro, com toda a sua exatidão profunda, tem, com a intensa vida das gárgulas das catedrais góticas, a sua feição paradoxal.

Há destes traços no Spencer do Sr. Euclides da Cunha, e eu estranho que este tenha desentendido a amargura, uma simples sensação, do velho pensador diante do fato incontestável que era como uma negação brutal, menos das suas concepções filosóficas que dos seus sentimentos de moralista. Homem da mais elevada moralidade, e filósofo do mais alto ideal moral, que, segundo ensinou, devia ser mirado com afã ainda com a certeza de não ser atingido, não precisava que as células cerebrais se lhe tivessem exaurido para se comover até a maldição perante o espetáculo que contrariava e desmentia menos os seus ensinamentos e as suas generosas ilusões.

Não basta compreender para saber sofrer ainda o inevitável das coisas más e detestáveis. A morte e a dor aí estão para o provar. Só de fato os céticos e, noutra ordem de organizações, os amorais, podem ver o espetáculo do mundo, ainda não o compreendendo muito bem, sem aquela comoção do nobre pensador, que não era um cético e foi um ilustre exemplo da perfeita compatibilidade da mais elevada moralidade com o mais completo agnosticismo.

II

REVISTA LITERÁRIA

DIPLOMÁTICA E LITERATURA

JOSÉ VERÍSSIMO

Peru Versus Bolívia. por Euclides da Cunha, da Academia Brasileira. Rio de Janeiro. Tip. do «Jornal do Comércio», 1907, in-8.º, 201 pp.

Cinquenta anos depois do achado de Colombo, o continente que ele descobriu sem saber estava todo reconhecido no seu contorno e até nos seus aspectos gerais mais aparentes — o que é enorme. Ao revés, porém, ainda quando estava a terminar o regime colonial, no primeiro quartel do século passado, permanecia ele incógnito ou muito mais conhecido nas suas particularidades geográficas. Ora, eram estas justamente as mais interessantes para a demarcação exata dos países que iam sair do desmembramento das colônias européias aqui. Os vice-reinados, capitânias gerais, audiências e outras divisões administrativas espanholas, como o Estado português do Brasil, com as suas capitânias mal definidas, tinham todos limites incertos e duvidosos. A ciência geográfica e cartográfica do tempo, mais rica em descrições e figurações pitorescas e fantasiosas que segura nas suas medidas e exata nos seus traços, se deixou monumentos, alguns ainda hoje estimáveis, não contribui pouco para, senão aumentar essa ignorância, complicá-la das suas imaginações e desacertos, e viciá-la mais profundamente com os seus preconceitos nacionais e paixões patrióticas — esses grandes inimigos da verdade. É uma das lições do livro do Sr. Euclides da Cunha.

Quando, pelo princípio deste século, as colônias ibéricas se emanciparam e se fizeram nações soberanas, acharam-se todas a braços com esta dificuldade: não sabiam com certeza quais eram os seus limites e entre elas, nem creio haja ex-

ção, surgiram desde o início da sua vida independente as famosas questões de limites que constituem o fundo, a essência, o motivo imediato ou remoto de todos os litígios e conflitos internacionais americanos.

Nelas e nas discussões e contendas que provocaram havia muito para que apelar, pois desde o século XVI os reis de Espanha ou de Portugal, sem nada saberem das terras de que a seu talento dispunham, operaram nelas, em cédulas, forais, capitulações e outros copiosos e vários documentos, numerosas e arbitrárias divisões. Algumas dessas, como a do Peru, recém-descoberto, entre Pizarro e Almagro, foram logo causa de terríveis lutas e guerra entre os europeus.

O critério do *uti possidetis*, adotado por essas nações como fundamento, na matéria, do direito internacional americano, embora sábio não removia a dificuldade.

Nenhuma delas sabia exatamente o que legitimamente possuía na época da independência, e todas tinham os seus limites mais ou menos contestados, e até disputados, por algum vizinho.

A Oeste das últimas terras brasileiras desse ponto do quadrante, estendia-se entre estas e o Pacífico o vastíssimo Vice-Reinado do Peru, que, com o país propriamente assim chamado, compreendia os que mais tarde se chamariam Bolívia e Equador, e ainda largos tratos das bacias do Prata e do Amazonas.

Nada mais natural, ainda sem a insuficiência da geografia dessas regiões, até hoje apenas imperfeitamente conhecidas, que a sua divisão, forçosamente arbitrária, gerasse numerosas e graves dúvidas e contestações sobre a demarcação de cada uma das porções em que se repartiu.

Dai as questões, em que o nosso país teve também parte grande, como herdeiro das dúvidas de Portugal com a Espanha aqui. Limitrofe dessas antigas possessões espanholas que todas lhe disputaram, e algumas ainda lhe disputam, porções do seu território, teve o Brasil questões de limites ao Norte, Noroeste e Oeste e mais ao Sul e Sudoeste, com todas as nações resultantes da divisão pela independência, da Capitania Geral de Caracas e dos vice-reinados do Peru e do Rio da Prata. Tivemos e ainda as temos. Uma delas, das últimas, mas não somenos, foi com a Bolívia. Julgávamos tê-la resolvido pelo Tratado de Petrópolis em novembro de 1903.

Mediante uma gorda indenização e liberais concessões de nossa parte, cedeu-nos a Bolívia o território que lhe disputávamos, ao Sul da linha Beni-Javari, de 1867, agora chamado do Acre.

Julgando fazer um excelente negócio, parece, entretanto, mais certo que compramos, segundo o nosso ditado, nabos em sacos. Com efeito, logo depois de o realizarmos, o Peru, renovando antigas pretensões, reclamou como seu o território que compráramos à Bolívia. A questão que ele levantava, já, entretanto, existia, e em discussão, e até em juízo arbitral desde antes, tendo sido sujeita ao da Argentina no fim de dezembro de 1902. E não compreende somente o nosso Território do Acre, mas "envolve a maior superfície territorial que ainda se discutiu entre dois Estados", uma zona de 720 mil quilômetros quadrados que "ultrapassa as superfícies de nossos Estados de Minas, Rio de Janeiro e Espírito Santo somadas"; "avassalaria o bloco continental que se constituísse juntando um terço da Espanha, e toda a França; abrange mais do triplo do Uruguai e corresponde a 25 Belígas — o que a torna, de acordo com a densidade demográfica da última, capaz de uma população de 180 milhões de habitantes, quádrupla da atual da América do Sul, dupla da atual dos Estados Unidos".

Estas comparações do Sr. Euclides da Cunha dizem melhor e mais graficamente a importância do território litigioso que os mesmos algarismos; e por assim dizer materializa aos nossos olhos a sua enorme extensão. É este litígio, são as pretensões do Peru contra a Bolívia, que estuda no seu livro o Sr. Euclides da

Cunha. Careço absolutamente da competência especial que o assunto requer para dizer do mérito diplomático da sua obra; seria preciso refazer-lhe os estudos para adquirir tal competência. Quanto, porém, o só estudo do livro pode supri-la, creio não errar afirmando que o Sr. Euclides da Cunha deixou provadíssimos os direitos da Bolívia, ou antes claro, como ele de preferência quis, o direito de quem quer que seja nesta questão.

Não é, porém, esta questão diplomática e subsidiariamente geográfica e histórica que, neste lugar, me interessa no seu livro, senão o conjunto de qualidades que fazem desta obra de discussão histórico-geográfico-diplomática, de uma enfadonha questão de limites, uma obra literária.

Mais que de erudição e saber naquelas partes, ou de argumentação jurídico-política como tantas possui já a América, e nós mesmos, na sua superabundante literatura do gênero, é uma obra de talento e ainda, o que é extraordinário, de emoção. Tem, pois, os dois caracteres essenciais à literatura.

Pesa-me dizer que não sou dos admiradores sem restrições da literatura do Sr. Euclides da Cunha. Estimando-a como ela incontestavelmente merece, e tendo pelo seu talento e estilo literário sincero aprêço, nem por isso deixo de lhes descobrir falhas e imperfeições — ou que tais se me afiguram — bastante graves para o meu gosto e parecer.

Mas ainda com elas, ele tem, como poucos, qualidades de vida e movimento, dotes de entusiasmo e de emoção, uma frescura e ingenuidade de sensações que fazem do seu estilo um arroubo, um arrebatamento constante. Ele é o homem sempre maravilhado, sempre comovido, mesmo diante de uma coordenada geográfica. Mas com isso tem singularmente o poder de vivificar as coisas, animar as palavras, corporificar as noções, materializar as idéias, concretizar o abstrato, tudo realçado por dons de pitoresco que fazem dele um poeta, no grande sentido desta palavra, um épico. Infelizmente, tem com alguma demasia os defeitos das suas qualidades, cai muito freqüentemente no excesso destas. Assim multiplica as formas arvezadas e insólitas, usa imoderadamente dos reflexivos, dos advérbios de modo, dos neologismos verbais, da tecnologia científica, dos exageros de expressão, da adjetivação rebuscada e ainda preciosa, do ressaltado desmedido das imagens e comparações, do termo empolado e do paradoxo. O mais grave defeito deste estilo não é, porventura, a sua feição bárbara, que as qualidades, de que estes senões são o reverso, podem em parte resgatar, mas a facilidade com que ele cai na maneira e se anquilosa nela.

Tal estilo, apesar das suas virtudes, não aprazeria a Goethe ou a Nietzsche; ambos o julgariam demasiado carecedor de repouso, demasiado agitado; como diria o último, um repasto de iguarias tôdas gostosas de mais, sem o pão suficiente para lhes atenuar e fazer valer o sabor. "A eloquência continua enfada", pensou Pascal.

Diante dos velhos mapas e cartas sul-americanas, nunca ninguém, nem Caetano da Silva, porventura o maior sabedor na espécie que jamais tivemos, nem Rlo Branco, seu digno continuador, nem o mesmo Sr. Nabuco, com o seu grande talento literário e imaginação poética, ninguém teve a emoção deste gênero do Sr. Euclides da Cunha; em nenhum despertaram êsses vetustos e dessaboridos documentos a emoção lírica que este deles recebeu.

Lê-se no seu belo livro esta página:

"Os antigos mapas sul-americanos têm às vezes a eloquência dos seus próprios erros.

Abraham Ortelius, Jean Martines, ou Thevet, sendo os mais falsos desenhadores do novo mundo, foram exatos cronistas de seus primeiros dias. A figura do continente deformado, quase retangular, com as suas cordilheiras de molde inva-

riável, rios coleando nas mais regulares, sinuosas e amplas terras uniformes, êrmas de acidentes físicos, chelas de seres anormais e extravagantes — é, certo, incorretíssima. Mas tem rigorismos fotográficos no retratar uma época. Sem o quererem, as sociedades nascentes; e os seus riscos incorretos, gizados à ventura, conforme lh'os ditava a fantasia, tornam-se linhas estranhamente descritivas. Num prodígio os cartógrafos, tão absorvidos na pintura do novo '*typus orbis*', desenhavam-lhe de síntese valem livros. A impressão que se nos amortece, e vai partindo-se no volver das páginas mais vigorosas, ali desfacha num golpe único do olhar. E vemos, como não nô-lo mostrariam os mais mestres historiadores, os aspectos dominantes do regime instituído pela conquista nas recém-descobertas regiões.

Considere-se o antigo Vice-reinado do Peru. Ninguém o compreende de pronto sem a sugestão de uma daquelas informes caricaturas continentais, que lhe resumem, exagerando-os, os traços incisivos. Sob tôdas as faces, da administrativa à política, à civil e à religiosa, a sua aparência mais viva é a de suas velhas cartas: monstruosa, artificial, extravagante. O desenhista que lhe riscou, do Panamá à Patagônia, a costa ocidental, maciça, inarticulada, quase sem dobras, perlongando, inteiramente, o '*Mare magelianicum*', descreveu-lhe, ao mesmo tempo, com um traço, a sociedade rudimentar, sem órgãos, duma grande simplicidade tribal ou primitiva, e ao figurar-lhe no levante, por vêzes com âureas iluminuras, as minas numerosas, as serranias auríferas, as lagoas douradas, os palácios argênteos guardando os tesouros incalculáveis dos Incas, denunciou o objetivo exclusivo de seus novos povoadores".

E insistindo neste decifrar inédito das velhas cartas americanas:

"Sabe-se no que consistiu a exploração. Delatam-na, melhor que os historiadores, os cartógrafos. No mapa de Descallers não se vê um rio, ou uma serra-nia, e não se lobra um acidente físico; vêem-se cidades maravilhosas, vêem-se minas estupenodas, sôbre umas e outras, pisando-as, uns tremendos batalhões de castelhanos barbudos a tropearem em arrancadas furiosas".

Vê-se o processo imaginativo, que elimina todos os documentos imprestáveis para estas generalizações, que uma sentença convencida e convincente remata num traço rápido e incisivo de pena: "Não há conclusão fulminante, de Tácito, que valha aqueles riscos lapidários".

Mas é sobremodo singular e curioso que este estilo, este feito novo de escrever destas áridas e aborrecidas questões americanas de limites, não só lhes empresta um interesse literário que as torna menos dessaboridas, mas, o que principalmente importava no caso, não lhes prejudica, ao contrário o aumenta de uma emoção que lhe faltava, o aspecto diplomático, nem o valor e força da argumentação. Porque, sem solução notável de continuidade nem esmorecimento do seu discurso, sabe o autor passar destas divagações imaginosas ao arrazoado rigoroso da sua causa.

Distingue mais o livro do Sr. Euclides da Cunha de tantos livros idênticos publicados neste continente, onde as inumeráveis questões de limites criaram uma superabundante literatura do gênero, ser um livro desinteressado, em que o autor, sem nenhum caráter oficial ou officioso, discute a questão em si mesma e por si mesma, nos seus aspectos, por assim dizer, científicos, geográficos e históricos, sem intencionalmente advogar por nenhuma das partes. E o seu mais alto mérito, e também a sua originalidade, é ter mostrado que toda esta questão gira em torno de dois tratados, ambos insubsistentes, menos por motivos diplomáticos, como a repetida e falaciosa alegação da guerra de 1801, entre Portugal e a Espanha, que têm sido dados, que por motivos históricos e geográficos, muito mais fortes do que aqueles. Os dois tratados são o de Madrid de 1750 e o de São Ildefonso de 1777. O primeiro, demonstra-o o Sr. Euclides da Cunha, feito sob a pressão do medo das irrupções dos Portuguezes do Brasil nos territórios espanhóis do vice-reinado do Peru, às cegas, sem o menor estudo ou conhecimento das regiões que

pretendia limitar, "no tocante às linhas limítrofes foi vacilante e dúbio". Os que o fizeram "titubeavam em pleno desconhecido; até que, por evitar dilatatórios pareceres, e sem repararem em algumas léguas de terras desertas onde sobravam tantas às duas coroas, consoante confessaram imprudentemente — riscavam à ventura, para o ocidente, a começar da média distância entre as confluências do Madeira e do Mamoré, a controversida raia, predestinada a tão funesta influência no futuro, para sempre ambigua ou absurda, e malsinada pelos seus próprios inventores; que de algum modo acenaram à tolerância das nações vindouras, antecipando um recurso absolutório naquela reciproca confissão de a haverem planeado e discutido inteiramente às cegas".

O de 1777 tem o mesmo vício e nulidade fundamental, de um contrato feito sobre coisa desconhecida, porque a linha que restaurou "é a mesma que se riscou às apaídelas em 1750". "Persistia a ignorância total daquela imensa zona; e os novos plenipotenciários, depois de acentuarem ou ampliarem, esclarecendo-os, vários tratos da fronteira, que permaneceu quase inalterável, ao chegarem à mesma faixa de terrenos ignotos, lançaram-se com o mesmo salto no escuro da semi-distância prefixa para o poente desconhecido e impérvio, percorrendo "a ciegas" trezentas léguas estradas de érmo".

De fato, esse tratado, pitorescamente caracterizado pelo Sr. Euclides da Cunha de "exinanido e desarticulado", "singular arranjo, que a mais retrógrada metafísica política vem espichando desde os tempos das metrópoles até hoje, através das mais díspares fases sociais, reduz-se a simples convenção preparatória para a formação ulterior, ou pouco remota, de três verdadeiros tratados".

Nem isso foi sequer, porque a Espanha não cumpriu a obrigação nêle contraída de fazer estudar por geógrafos seus a região questionada. Fê-lo, entretanto, Portugal, e os trabalhos dos seus insígnis comissários Silva Pontes e Lacerda e Almeida nos ficaram como documento da sua capacidade, pois os melhores estudos modernos lhes verificaram a exatidão.

Quando notificada dêles, a Espanha, que já se anexara Portugal, não mais cuidava destes deslindamentos e discriminação de territórios que todos tinham por seus, o que, arrazoa o Sr. Euclides da Cunha, "certo não invalida o direito da parte contratante que foi a única naquele trecho a cumprir as cláusulas prescritas do que se convencionara".

Os Espanhóis e os seus herdeiros continuaram, todavia, a reclamar a incerta raia dos incertos tratados, mas "que valor jurídico ou político poderá emprestar-se à duvidosa divisa que, vagamente referida num acôrdo preliminar e devendo ser fixada mediante estudos *in loco*, não foi sequer percorrida pelos comissários espanhóis?"

Misturando o geógrafo e o poeta, o artista literário ao erudito e diplomático destes secos assuntos, a que o seu estilo imaginoso, vivo e superexcitado dá um interesse nôvo, responde o Sr. Euclides da Cunha:

"São monstruosas estas antilogias: um trecho de fronteira debate-se, planea-se e surge desde a origem com os mais frisantes estigmas de inviabilidade, repudiada pelos próprios negociadores, que, enganando-o, se penitenciaram, sem rebucos, do indesculpável deslize de o haverem concebido completamente às cegas: mais tarde outros plenipotenciários, com as mesmas dúvidas, perdidos nas mesmas obscuridades, saltados dos mesmos escrúpulos, sujeitam as suas linhas definitivas, a sua existência real e efetiva, à condição inviolável do estudo dos terrenos indivisivos; nesse pressuposto, um dos contratantes, cumprindo-a, propõe a variante indispensável; o outro, infringindo a obrigação contraída, o que corresponde a anular-se o convênio, queda-se na mais culposa ou calculada indiferença; passam os tempos, longos anos, dezenas de anos, um século inteiro, a maior mora que ainda se viu na história; realizam-se nesse vasto interregno mudanças e transfi-

gurações nas circunstâncias políticas, sociais e morais das partes contratantes, que extinguiriam ou quebrantariam a força obrigatória de verdadeiros tratados definitivos e integros; — e essa monstruosidade, esse caso típico de teratologia político-geográfica, tolhido e abortido, enfeitado a princípio pelos seus primeiros progenitores, transferido depois a um investigar futuro numa época em que os caprichos dinásticos não possuíam barreiras, ressurgiu de uma hibernação secular, inteliço, intangível, inviolável, tentando renovar a preexistência precária exatamente num tempo em que, desde as notícias geográficas mais exatas aos princípios políticos mais liberais, todos os elementos convergem a engravescer-lhe a debilidade congénita irremediável...”

Argumenta mais o fecundo escritor brasileiro que o novo tratado de 1851, já entre o Brasil e o Peru, desconheceu por completo os dois de 1750 e 1777 e as suas incertas demarcações. Portanto, enterrou-os. “Não se rastreia aí a mais vaga, a mais pálida, a mais indireta ou implícita, ou fugitiva referência à convenção de 1777 — e menos ainda à recalcitrante linha Leste-Oeste”.

É este tratado que, fixando indiscutivelmente (mas sem embargo discutido pelo Peru) o direito do Brasil a toda margem direita do Javari, donde quer que ele venha, torna irrisória a sua pretensão ao território de que a Bolívia abriu mão pelo Tratado de ePtrópolis.

Isso demonstra cabalmente, parece-me, com grande ciência e inteligência do assunto, eloquência, calor comunicativo, emoção insólita em tais matérias e verdadeiro luxo de argumentação e de razões, e não menor ardor de convicção, o livro distinto do Sr. Euclides da Cunha.